Acta Scientiarum
http://www.uem.br/acta
ISSN printed: 1679-7361
ISSN on-line: 1807-8656
Doi: 10.4025/actascihumansoc.v38i1.28065

Tensões em *Ventos do Apocalipse* e em *Fogo Morto*

Rosana Baú Rabello

Universidade de São Paulo, Av. Prof. Almeida Prado, 1280, 05508-900, São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: rosanarabello@yahoo.com.br

RESUMO. As tensões dos momentos históricos de transformação e guerra envolvem os personagens dos romances *Ventos do Apocalipse,* de Paulina Chiziane (1999), e *Fogo Morto,* de José Lins do Rego (1990), transformando suas vidas e perspectivas em processos de movimento ou estaticidade dos personagens. Salientamos a importância da relação estreita entre história e literatura, não porque esta apenas realize o registro dos fatos e contextos, mas porque apresenta uma conjuntura singular das formas ideológicas, dos acirramentos das tensões, contradições e conflitos sociais, assim como permite exercitar um olhar que põe em relevo o senso de historicidade.

Palavras-chave: romance. história. literatura e sociedade.

Tensions in *Ventos do Apocalipe* and *Fogo Morto*

ABSTRACT. Tensions in the historical episodes of transformation and war involve the characters of the novels *Ventos do Apocalipse* (1999) by Paulina Chiziane and *Fogo Morto* (1990) by José Lins. Their lives and perspectives were transformed within the process of movement or staticity. The importance of a close relationship between history and literature is underscored not only because the latter records facts and contexts, but because it forwards a unique set of ideological forms, intensification of tensions, contradictions and social conflicts. It also highlights the meaning of historicity.

Keywords: novel. History. literature and society.

Introdução

Neste artigo, pretendemos levantar alguns pontos de análise comparada entre *Ventos do Apocalipse,* de Paulina Chiziane (1999), e *Fogo Morto,* de José Lins do Rego (1990). A chave de leitura escolhida para a análise comparativa entre os textos é a de como o decurso da história narrada e a vida dos personagens são tensionados pelos fatos históricos do contexto diegético e sua possível historicização dentro do contexto de produção das obras. Nos dois livros, o contexto impõe-se aos indivíduos, revolvendo suas vidas, crenças e modos de ser. Contudo, em *Ventos do Apocalipse,* debruçando-nos, principalmente, sobre o percurso do personagem Minosse, mulher do régulo Sianga, percebemos uma figura que é impulsionada ao movimento, à caminhada em busca de um novo espaço, de um novo modo de vida e de sobrevivência. Em *Fogo Morto,* por outro lado, debruçando-nos, principalmente, sobre a figura de Mestre Amaro, percebemos um homem arraigado à terra, às suas posições, à sua localização no mundo e, não aguentando a pressão que o impulsiona ao movimento, suicida-se.

Nessa chave, procuramos desvendar pontos que reflitam sobre aspectos sociais e políticos, sem deixar de ter em mente que os textos em análise são construídos como críticos e resistentes, interagindo com o contexto histórico ao qual pertencem e não servindo como simples representação da realidade da guerra civil moçambicana, no caso de *Ventos do Apocalipse,* ou da Primeira República do Brasil (vivida em um espaço de engenho decadente do Nordeste), no caso de *Fogo Morto*. Não se pode esquecer também, quando se pensa na intersecção entre literatura e contextos, que a historicidade de um texto está na própria forma de construção, no ponto de vista adotado, nas escolhas, na linguagem e nos temas escolhidos, assim como na disposição destes no contexto mais amplo da obra.

Tensão e movimento retirante em *Ventos do Apocalipse*

Ventos do Apocalipse, de Paulina Chiziane, é um romance contemporâneo da literatura moçambicana que expõe o horror da guerra civil em Moçambique. O livro desenvolve-se a partir de uma proposta estrutural de reiterações e oposições entre passado e presente, movimento e estaticidade, velho e novo. A partir desses pontos, desvenda-se uma tese, pontuada no discurso e na estrutura da obra, de que é preciso conciliar esses elementos para construir um futuro de esperanças.

A tensão e oposição entre passado e futuro já se configura a partir do prólogo em que meninos pedem ao avô que lhes conte bonitas histórias e as que se seguem são três histórias de fome, guerra e assassínio passados em Mananga e nos tempos do império *ngune*, anteriores aos terrores da guerra civil, mas não menos violentos ou cruéis. A primeira é uma história de fome e sede na seca castigante que se repete ciclicamente na vida da aldeia de Mananga.

A segunda é a história que conta a origem do ditado que se tornou célebre nos tempos do império *ngune*: 'Mata que amanhã faremos outro'. Quando os guerreiros do império de Gaza chegaram a Mananga, a população em bando fugiu, procurando refúgio na savana. Como as crianças não controlavam o choro, eram assassinadas para que o grupo fosse poupado de um ataque por serem descobertos pelos soldados ngunis, atraídos pelo choro dos bebês. O consolo dos casais era expresso pela possibilidade de gerarem novos rebentos: "Este já morreu, amanhã faremos outro". (Chiziane, 1999, p. 19).

A terceira história fala sobre a ambição de Massupai. Como era muito bela, embora cativa dos guerreiros de Muzila, tornou-se a esposa preferida de um grande general. Como era ambiciosa, exigiu ser a única esposa e aceitou matar os próprios filhos para que ficasse mais livre para o amor e para ajudar seu esposo/general a dar o golpe e conquistar o império.

Reiterando as relações entre passado e presente, as três histórias se repetem em momentos diferentes e de formas diversas ao longo do romance, agora vividas à luz das novas dificuldades, trazidas pela seca, e da luta pós-libertação que se estabelece a partir da guerra civil entre os combatentes da Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique, força política oficialmente fundada com o objetivo de lutar pela independência de Moçambique contra o domínio colonial português) e os da Renamo (Resistência Nacional Moçambicana, grupo armado liderado por opositores do governo da Frelimo). Ocorre que essas relações sempre trazem dados novos e possibilidades de repensar os valores e os impulsos que fomentam a violência, mesmo que os resultados que são colhidos acabem se repetindo em mortes e violências que em tudo se assemelhem às vividas no passado.

A estrutura de oposições entre movimento e estaticidade pode ser pensada a partir das figuras de Sianga (o velho régulo, destituído do posto e do respeito de chefe a partir da vitória da Frelimo na luta anticolonialista) e de Minosse, sua esposa. Existem outras possibilidades de pensar essa questão, pois há outros personagens que permanecem na aldeia devastada e há o trânsito de tantos mais que tentam fugir para Macuácua, com a esperança de uma nova vida em terra alheia.

Decidimos nos debruçar sobre a leitura que contrapõe a estaticidade de Sianga ao movimento de Minosse, pois nestes personagens essas contraposições nos parecem mais significativas das tensões que o livro estabelece. Assim, em contraposição à Minosse, Sianga é o sujeito que permanece na aldeia de Mananga até sua morte. Com o desejo de manter-se régulo respeitado, recebe a visita de um dos soldados da Renamo que, em troca de conseguir apoio para conduzir o ataque a Mananga, reelevaria Sianga ao seu posto de comando e 'respeitabilidade'.

Em sua permanência nas terras de Mananga e na tentativa de retorno e manutenção das tradições que o beneficiavam, Sianga mostra-se impassível: é visto como um homem preguiçoso, ambicioso e solitário; tenta entregar a filha por interesses financeiros a um velho senhor, sendo que, antes disso, teria exigido que sua mulher se deitasse com o mesmo velho abastado para que conseguissem comida; deseja retornar ao velho posto de chefe da aldeia para desposar novas e belas mulheres e demonstrar seu poder; propõe a realização de um ritual sagrado apenas para enganar o próprio povo; entrega seu povo para as forças da Renamo, que assassinava indiscriminada e violentamente, que acuava, escravizava e condicionava os jovens para a luta armada contra a Frelimo e que tornava mulheres e meninas cativas dos soldados e generais.

É interessante notar que antes do ataque da Renamo e da realização do falso ritual do mbelele, que distrairia a atenção do povo de Mananga, Sianga prepara-se para retornar ao posto de comando por meio da imobilidade, da observação estática, do sono e da preguiça vivida na esteira, à sombra da casa. Por estar nesse estado de inércia e imobilismo, é tomado como excêntrico:

> É sempre assim. Passa os dias espreguiçando-se ao calor, em bocejos de sono e preguiça, como um papa-moscas. Arrasta a esteira para a sombra, para o sol, para a outra sombra e de novo para o sol. O mundo pergunta-se e admira-se da razão de tanta inércia, e vezes sem conta as pessoas lançam-lhe palavras pejorativas não conseguindo ferir-lhe a sensibilidade (Chiziane, 1999, p. 65).

Ou ridicularizado pelas crianças:

> Os meninos, esses eternos foliões, encontraram no Sianga um motivo para zombarias e brincadeiras muitas vezes de mau gosto. Não são poucas vezes em que, de barriga cheia, se reúnem em conspiração, organizando um exército forte para violentar e macaquear o velho de rabo no chão (Chiziane, 1999, p. 68).

Já Minosse, como esposa dos velhos tempos, ainda preserva as tradições e o respeito pelos antigos e recebe o peso da 'maldição' de ser mulher nas imprecações de Sianga, que a acusa de ser causadora de todos os males. Contudo, por ser impulsionada ao movimento, ao contato com a força de vida da filha e com a necessidade de retirar-se para outras terras, Minosse vai mudando ao longo da narrativa.

Parte do movimento de mudança se dá ainda em Mananga, quando Minosse incentiva a filha, Wusheni, a renegar os interesses do pai para seguir um casamento por amor com o jovem Dambuza, livre de preconceitos contra esse estrangeiro pobre e abandonado à sorte, descrente dos deuses da terra e do deus católico. Essa relação e o filho dela gerado serão sufocados e mortos ainda em Mananga pelo ataque das forças da Renamo e pelas mãos do irmão de Wusheni, na tentativa de vingar a desobediência da irmã aos preconceitos do clã.

Minosse então se vê obrigada a partir na tentativa de encontrar um lugar seguro, junto com outros sobreviventes de Mananga. Essa passagem e os descaminhos até a chegada a uma nova aldeia (Monte) vão transformando as perspectivas de Minosse. A princípio, antes do ataque e da desgraça de Mananga, quando recebem os refugiados de outra aldeia atacada (de Macuácua), talvez a voz de Minosse também reverbere um pensamento comum à sua aldeia:

> O nosso povo sente o desejo louco de defender o território à força de ferro, mas as autoridades impõem-se, malditas autoridades [Frelimo]. Deixaram esses forasteiros fixar-se no nosso solo, nesta terra tão pobre e tão seca. [...] Nós queremos paz e sossego aos nossos mortos, sem interferências estrangeiras. [...] Essas autoridades só fazem coisas que não são do agrado do povo. Meteram os filhos desses estrangeiros nas escolas dos nossos (Chiziane, 1999, p. 111).

Contudo, depois de se ver retirante, destituída de família e de pertences e bem recebida pelos habitantes da aldeia de Monte, demonstra uma mudança de postura. Na aldeia de Monte, dá abrigo ao menino abandonado, tachado pela comunidade como portador do mal. Minosse contradiz esse presságio e demonstra que o movimento retirante a que foi forçada exigiu também uma mudança e movimento internos, que ampliam sua percepção:

> É tudo estupidez. Porque na panela não há comida, todos temem abrigar mais um estômago e inventam as fantasias mais absurdas deste mundo. Loucos. Tratam desse menino como se alguém pudesse ser responsabilizado de ter nascido rei ou médico. Com meu Dambuza foi assim (Chiziane, 1999, p. 220).

Depois desse movimento de acolhida do estrangeiro renegado na aldeia de Monte, resgata outras crianças abandonadas e exploradas e dá nova perspectiva de vida, carinho, afetividade e interesses a elas. Conta-lhes histórias e enriquece o horizonte delas. A partir dessa sua vivência com o abandono desses meninos desprotegidos, passa a renegar a perspectiva da sina imposta aos homens:

> Volta a pensar nos mistérios da vida e pensa no Sianga. E pensa no homem masculino, aquele que dirige os destinos da vida, que, segundo se diz, foi criado à semelhança de Deus. Para ela, o homem é mesmo Deus, porque ele faz vir um filho no mundo e diz: é meu. Em seguida, vira-se para o Nascente e diz: eis uma nova vida gerada por mim. Ele dá abrigo, carinho, alimento e fá-lo crescer. Depois coloca-o no paraíso e determina: desta árvore não comas; desta água não bebas; segue este caminho que Deus me mostrou e que eu segui, caminha, caminha sempre sem nunca olhar para trás. E o filho desorientado, perdido, deseja loucamente desistir de caminhar, voltar ao ventre materno como se isso fosse possível. Por vezes, o caminho indicado não leva a lugar nenhum, até que acaba sentado à beira da estrada e decide: hei-de fazer o meu caminho. E faz. Hei-de construir o mundo. E constrói, quando os deuses protegem. Minosse redefine a vida e reescreve o seu destino com o dedo nú no lençol de areia (Chiziane, 1999, p. 257).

Minosse passa também a questionar o sistema que criminaliza os despossuídos e as garotas abandonadas à própria sorte:

> Lutarão para sobreviver. Não têm família, não têm escola e toda a sociedade lhes fecha as portas [...] Primeiro tentarão viver com decência. Depois virá a revolta, a vingança e finalmente o crime. [...] À minha Sara, minha pequena orfã, o mundo dará os apelidos mais incríveis: prostituta, bêbada, desavergonhada (Chiziane, 1999, p. 259).

Questiona também a condição da mulher, submetida à força e à cultura machista:

> [Minosse] faz balanço da sua triste vida e pensa: vou morrer! Quando chegar ao céu, hei-se encontrar Deus e haverá ajuste de contas. De certeza irá perguntar o que andei a fazer nesta vida errante. [...] De certeza deve estar escrito assim: obedeceu, serviu e morreu. O que sempre desejei não está lá escrito porque os desejos da mulher não podem existir e nem são permitidos. Durante toda a minha vida satisfiz os desejos dos homens. Primeiro do meu pai e depois do meu marido. Na adolescência, o meu pai ensinou-me a guardar as cabras e a guardar-me para pertencer a um só homem em toda a minha vida, e cumpri. Sianga comprou-me com lobôlo, que é uma cerimônia solene mas um negócio porque se faz com valores e dinheiro vivo. Entreguei meu corpo aos prazeres do meu senhor porque na realidade nunca senti nenhum (Chiziane, 1999, p. 257).

Enfim, por meio dessa leitura, é possível dizer que o impulso de mudança é imposto a Minosse pelo movimento ao qual ela é forçada, que a impulsiona a se deslocar geográfica e psicologicamente para outras esferas e outras paragens de cultura e de localização social.

Por fim, a tensão entre velho e novo se estabelece em *Ventos do Apocalipse* por meio da construção de uma espécie de tese que se vai compondo e comprovando ao longo da narrativa: a de que é preciso aprender com o passado e permitir a conciliação das vozes da tradição com os ventos de mudança, com a compreensão dos anseios e desejos dos jovens, futuro e esperança da terra. É importante notar, ao longo da narrativa, que essa tradição da qual se fala não é vista como espaço de saber imutável, que não leva em conta a relevância do processo histórico. A despeito do discurso da valorização da tradição, por vezes entendida como imutável, a autora evidencia transformações, conflitos, tensões e adequações que provêm, justamente, da inserção dessa tradição no processo histórico e no diálogo produtivo entre velho e novo.

Há a formulação dessas ideias e a condução delas por meio das várias vozes que entretecem o texto e do discurso do autor implícito, sujeito imanente da enunciação. Começamos a leitura do livro ouvindo as histórias do avô, que conta aos meninos como eram os tempos do Império de Muzila, ensinando o que sabe sobre as apreensões e os temores dos tempos de seca e de guerra. Depois, vemos Minosse, na construção de seu aprendizado e no seu movimento de mudança, aprendendo com sua filha e com seus novos filhos adotados na aldeia de Monte. Ao mesmo tempo, vemos essas crianças entreterem-se com as histórias que Minosse conta, encaminhando um processo importante de troca. A importância dada ao encontro entre o velho e o novo dentro da narrativa é por diversas vezes retomada. Por exemplo, quando Minosse se aproxima de seu protegido: "[...] os olhos velhos sorriem para os olhos novos. As mãos novas acariciam o rosto velho na segurança de um amor correspondido" (Chiziane, 1999, p. 224).

Essa construção da tese de que é preciso conciliar o velho e o novo é por vezes discursivamente defendida, como ocorre no diálogo final entre os homens reunidos para comemorar a fartura e a paz que ainda não se sabe ser provisória:

> Na reunião dos homens, só os mais velhos é que falam e os jovens escutam. É a tradição. Mas à medida que o álcool corre, quebram-se as regras do jogo. O jovem Mundau é o primeiro a destravar a língua e a falar com uma arrogância sem limites.
>
> - Uma cerimónia para os defuntos? Vós sois mais casmurros que os burros, ó velhos. Os mortos são para ser esquecidos (Chiziane, 1999, p. 264).

Essa é a provocação feita para que o diálogo entre jovens e velhos seja iniciado e para que dele resulte a conciliação, iniciada por Mungoni, um dos homens mais velhos da aldeia, sobrevivente e testemunha de outros tempos que muito têm a ensinar aos mais jovens:

> - Minha gente. Falar dos defuntos não é falar dos corpos mortos, das caveiras, dos ossos, da cinza e do pó. Falar dos antepassados é falar da história deste povo, da tradição e não do fanatismo cego, desmedido. Não há novo sem velho. O velho lega a herança ao novo. O novo tem a sua origem no velho. Ninguém pode olhar para a posteridade sem olhar para o passado, para a história. A vida é uma linha contínua que se prolonga por gerações e gerações. Aquele que respeita a morte respeita também a vida. Acreditar nos antepassados é acrediar na continuidade e na imortalidade do homem (Chiziane, 1999, p. 265).

Ou ainda, na tentativa de explicar quais foram as raízes do conflito em Mananga, discursivamente, define e decifra as razões já narrativamente compostas ao longo do romance:

> - Pai Mungoni, somos seus filhos, não se canse de nos ensinar. Que análise faz da história de Mananga?
>
> - Muito simples. O que aconteceu em Mananga foi um confronto do novo com o velho. Se para o Sianga o problema foi o poder, para o povo foi um problema de identidade, um problema de cultura. Foi o povo que manteve acesa a discórdia entre o velho e o novo. Separaram-se da raiz, aderiram ao novo porque trazia a boa nova. Quando os problemas atingiram o extremo, regressaram ao velho, porque está mais próximo de sua visão de mundo. Voltaram a abandonar o velho porque já não correspondia às suas expectativas. Como penas de aves, voavam para cá e para lá ao sabor do vento porque se desprenderam da raiz. O que o povo queria era achar o ponto de equilíbrio. É assim que se manifesta a vingança dos espíritos. A instabilidade é o preço de todos os pecados (Chiziane, 1999, p. 267).

Por fim, o que se conclui como chave da tese levantada é que é preciso deixar as pessoas viverem conforme as marcas de sua identidade, respeitando o equilíbrio entre a tradição e as novas vontades e novas ideias. Essa visão defendida por Chiziane é também compartilhada pelo professor Cabaço, quando diz que "[...] a Frelimo subestimou o fato de que a construção da unidade nacional se fazia em estreita interação, sempre conflitual com as identidades já existentes" (Cabaço, 2007, p. 416), ou ainda quando diz que

> [...] poderia se dizer que houve um descompasso entre o tempo pedagógico da Frelimo, imposto pelo imperativo da luta e da administração das zonas libertadas e o tempo performático do povo, condicionado pela persistência de formas culturais profundamente arraigadas (Cabaço, 2007, p. 416).

Seria, contudo, resposta a esse descompasso a manutenção dos régulos no poder? Diante dessa pergunta, o velho Mungoni reflete:

> - Gente, não é o régulo que está no centro da questão. O fulcro da história é o homem. Que venham os régulos, ou reis, ou outros com qualquer outro nome. Que sejam, como agora, estrangeiros à tribo e ao clã. Que sejam espíritos vindos do espaço. O mais importante é que sejam homens de bem que deixem as pessoas viver de acordo com as marcas da sua identidade. Que saibam harmonizar o velho e o novo. Que sejam capazes de transmitir mensagem da paz e fraternidade entre os homens (Chiziane, 1999, p. 268).

É importante notar também que, mesmo que essas resoluções e conclusões se desenvolvam por meio do diálogo entre as personagens, por meio do discurso indireto livre (recurso bastante utilizado por Chiziane), ou por meio da condução das ações dentro do percurso narrativo, percebemos a construção de uma perspectiva crítica e ideológica imanente ao autor implícito, que organiza e dissemina questões muito relevantes ao contexto social moçambicano e à análise crítica das condições impostas ao povo pela Frelimo. Há vários discursos implícitos nas falas das personagens, no discurso indireto livre e nos comentários do narrador em terceira pessoa.

A voz desse autor implícito, por meio do narrador em terceira pessoa, questiona as relações de casamento impostas às mulheres, aproximando o lobôlo (negociação do casamento de uma jovem) ao comportamento de alguns animais domesticados:

> Os pombos constroem os ninhos nos ramos que lhes agradam. Os bichos da selva escolhem o parceiro que lhes agrada, que amam; reproduzem as suas crias em liberdade e felicidade. Os lagartos são livres; desovam onde lhes convém e partem. As vacas no curral não têm a mesma sorte. As galinhas, as cabras, as porcas também não. A estas, o macho é imposto, goste ou não goste, cumpre-se a vontade do dono. Com as mulheres é assim mesmo (Chiziane, 1999, p. 80).

Depois do ataque da Renamo à aldeia de Mananga, também é construída uma importante crítica à organização das aldeias comunais e aos problemas estratégicos e conceituais na gerência dessas aldeias: "O chefe da aldeia, que esteve ausente na hora quente, vem escoltado por seis homens, apressado, atrapalhado" (Chiziane, 1999, p. 120). Fala-se aqui da relação de distanciamento estabelecido entre o povo e os dirigentes e da falta de identificação dos chefes das aldeias com a vida e as causas populares:

> O chefe da aldeia assiste à atividade incessante dos aldeões. Pragueja. Ele nunca fora maldado para as lutas, muito menos para as guerras. Fora parar ali por ironia dos deuses (Chiziane, 1999, p. 120).

Em discurso indireto livre que expressa os pensamentos do chefe da aldeia, seguimos acompanhando o quanto é desenhada como falha a relação entre este e o povo:

> O sangue sobe-lhe aos olhos, não consegue acreditar na destruição do seu império. Nunca antes avaliara a importância que tinha na sua vida aquela aldeola pobre e pacífica. Pensa em si. Nunca fizera nada por aquela aldeia e sempre negligenciara todos os problemas a ela referentes. Ouvira falar de uma infiltração inimiga e não ligara a devida importância. Esperam-no agora dificuldades e talvez desemprego. Seria demitido por negligência e talvez mesmo encarcerado. No rosto amargurado, dissolve-se aquela habitual máscara de insensibilidade pelos problemas alheios (Chiziane, 1999, p. 121).

Interessante notar que, logo em seguida a essa passagem em que nos aproximamos daquilo que pensa e sente o chefe da aldeia, temeroso pelo seu emprego e preocupado por ter negligenciado em suas obrigações, acompanhamos a narrativa em terceira pessoa da reação da população ao olhar preocupado e ao rosto amargurado do chefe. Eles reconhecem que o chefe é diferente deles, é bem alimentado e não vivencia com eles suas agruras. Contudo, por verem a preocupação estampada no rosto dele, sem saberem que este pensa em seu próprio cargo e na manutenção dele, irmanam-se,

> [...] reconhecem nele um homem comum, humilde e com sentimentos de nobreza; a dor mudou-lhe a face. Nada melhor do que a dor para eliminar a arrogância e a vaidade (Chiziane, 1999, p. 121).

Diante dessa confrontação entre população e chefe, fica clara a ideia de falta de sintonia entre os interesses da aldeia e de seus comandantes oficiais.

Fora essa ponto de discussão, há também uma clara crítica no texto de Chiziane à ajuda humanitária vinda da Europa. Os mais novos, por não conhecerem tão a fundo as agruras da colonização, não temem essa intervenção. Contudo, os mais velhos temem os interesses escondidos por trás dessa ajuda que, certamente, não é desinteressada:

> No passado, grandes homens da Europa em sessões magnas, festins e banhos de champanhe dividiram o continente negro em grandes e boas fatias, escravizaram, torturaram, massacraram e deportaram

> as almas destas terras. Hoje, gente oriunda das antigas potências colonizadoras diz que dá a sua mão desinteressada para ajudar os que sofrem. É preciso acreditar na mudança dos homens, eles sabem disso, mas a sabedoria popular ensina que filho de peixe é peixe e filho de cobra cobra é. Toda a gente sabe que, neste mundo cruel, ninguém dá nada em troca de nada (Chiziane, 1999, p. 234).

Por vezes, na condução das ideias defendidas pelo texto, as vozes do narrador em terceira pessoa e da população imiscuem-se e, da terceira pessoa, passamos quase que imperceptivelmente à primeira pessoa do plural. Percebemos isso, por exemplo, no momento em que o povo de Mananga ouve e acata os conselhos dos fugitivos de Macuácua:

> Os de Mananga concordam, escutam, são palavras sensatas. Aceitam a solidariedade dos antigos rivais e selam uma fraternidade, um nó indestrutível. A sociedade está desorientada, deambula nas trevas da amargura, e mais do que nunca precisa de um conforto de espírito. Na aldeia já não há igreja. Restam apenas ruínas do edifício por 'nós' construído com suor e sangue à custa do chicote português. 'Destruímos' este monumento na euforia, porque 'tínhamos' conquistado a liberdade. O Deus daquela igreja veio com os colonos. Era parecido com os colonos. Com o padre. Com o papa. Eram todos brancos. O que 'queríamos' era construir uma sociedade sem igrejas, nem padres, nem papas brancos. Os padres pé-descalços invadiram depois a aldeia, havia-os aos montes, mas agora fugiram da fome (Chiziane, 1999, p. 130, grifo nosso).

Aproveita-se, assim, para falar também sobre outra espécie de colonização: o cristianismo, que também passa a ser um elemento desagregador da cultura e impositor da forma de vida e crença do colonizador. Por esses exemplos, pode-se notar que o narrador de Ventos do Apocalipse tem seus modos próprios de realizar valores que permitem inscrever o texto como uma literatura de resistência e politicamente engajada.

Veremos, agora, como Fogo Morto, de José Lins do Rego, também trabalha essas chaves de oposição entre novo e velho, passado e presente, movimento e estaticidade. Também tentaremos analisar suas estratégias para composição de um texto resistente, que "[...] escolhe tudo quanto a ideologia dominante esquece, evita ou repele" (Bosi, 2002, p. 122). De todo modo, os textos de Chiziane e Lins do Rego são textos empenhados em construir antivalores, mas exercem essa força de resistência de maneira diversa, como apontaremos.

Tensão e estaticidade em *Fogo Morto*

Publicado em 1943, *Fogo Morto* constrói-se como uma visão do processo de mudanças sociais e econômicas do Nordeste brasileiro, mostrando a decadência dos senhores de engenho e de um período bastante representativo na política brasileira: o momento em que havia o poder das oligarquias. O título do livro faz referência à transformação do Engenho Santa Fé, localizado na zona da mata da Paraíba, com o apagar definitivo de suas fornalhas.

Assim como no livro de Chiziane, embora haja um contexto social, histórico e político bastante diferente, José Lins do Rego trabalha com as tensões entre velho e novo nesse ambiente de mudanças e de tentativa de manutenção de valores arraigados. Contudo, diferentemente da tese de *Ventos do Apocalipse,* não há a defesa de uma conciliação entre essas duas forças: o velho e o novo. Há a condução dialética das contradições impostas pelo contexto e imputada às personagens. Essas contradições são desenvolvidas no percurso das tensões da marcha da história da Primeira República, que se estende de 1889 até a década de 1930.

A temporalidade da narrativa corresponde ao processo de decadência dos engenhos e de ascensão das usinas; de uma tendência à urbanização e de predomínio do trabalho livre. Contudo, a tensão que se estabelece entre a mudança e a manutenção de valores e sistemas políticos constitui também momentos de continuidades como as da estrutura fundiária e do patriarcalismo, que é reinventado, adequando-se tanto às necessidades do trabalho livre, quanto às da ordem política da República.

Há, então, uma tensão entre rupturas e continuidades que marca a presença de valores ultrapassados no seio da nova fase política. Isso fica claro na postura de Vitorino querendo vencer e derrubar o poder das oligarquias que exercem o voto de cabresto e impõem seus desmandos sobre desvalidos, como Mestre José Amaro.

> Toda essa perseguição só podia atribuir às suas atitudes políticas. Estava contra o governo. Era correligionário da candidatura Rego Barros. Pois ficasse o governo certo de que não havia força humana que o arredasse do seu caminho. Ele e todo o seu eleitorado iriam às urnas para salvar a Paraíba dos oligarcas (Rego, 1990, p. 207).

Contudo, quando Vitorino pensa-se no poder, imagina colocar seus amigos no governo e exercer suas vontades com violência contra os desafetos:

> Era Vitorino Carneiro da Cunha. Tudo podia fazer e nada temia. Um dia tomaria conta do município. E tudo faria para que aquele calcanhar-de-judas fosse mais alguma coisa. Então Vitorino se via no dia do

> seu triunfo. [...] Delegado não seria um mole como José Medeiros. Quem seria o seu delegado? Que homem iria encontrar na vila para ser o seu homem de confiança? [...] Ele era o chefe político, o homem que nomeava amigos, que prendia e soltava. Não cederia, na boca das urnas não havia quem pudesse com ele. E se quisessem na ponta do punhal, não enjeitaria parada (Rego, 1990, p. 256-257).

Assim, embora haja expressão de boa vontade por parte de Vitorino que quer punir os desonestos e deixar seu município um 'brinco', há também um discurso muito centralizador e despótico, fruto desse ambiente em transformação.

Mestre Amaro encontra-se rodeado por essas tensões envolvendo os poderes e a política e procura entender como reordenar, simbólica e materialmente, a sua posição social e o abalo dos elementos estruturadores de sua visão de mundo. Assim como as personagens de *Ventos do Apocalipse,* José Amaro não consegue facilmente reordenar sua vida, crenças e visões de mundo a partir do abalo de seu modo de vida tradicional. Contudo, diferente das personagens de Chiziane, José Amaro não consegue encontrar uma compreensão/síntese de que é preciso conciliar valores da tradição e do novo.

Em *Fogo Morto*, essa passagem entre passado e presente não encontra uma síntese didática como em *Ventos do Apocalipse*, mas permanece tensa e insolúvel na tentativa de se entender um tempo em que a decadência do engenho enquanto fábrica de açúcar não representa o desaparecimento das relações sociais que lhe deram suporte: mestre Amaro continuaria sendo sufocado pelo jogo de poderes que ele não era capaz de compreender.

É interessante pensar ainda que, quando Mestre Amaro encontra na figura do cangaceiro Antônio Silvino a possibilidade de se ver possuidor da razão e da liberdade de escolha, justifica-o pelo poder que o cangaço tinha para enfrentar o governo injusto:

> Que fossem para o inferno os grandes da terra. Para ele [José Amaro] só havia uma grandeza no mundo, era a grandeza do homem que não temia o governo, do homem que enfrentava quatro Estados, que dava dor de cabeça nos chefes da polícia, que matava soldados, que furava cercos, que tinha poder de adivinhar os perigos. [...] Se um dia visse o Capitão Antônio Silvino seria um homem feliz (Rego, 1990, p. 73).

Mestre Amaro acredita no cangaço como uma alternativa às injustiças cometidas pelos governantes e pelos coronéis, uma possibilidade de uma maior justiça social. Contudo, a escolha do cangaço se mostra tão falha quanto, por exemplo, a escolha da Renamo na guerra civil em Moçambique. Isso porque não há proposta de instituição de um estado de justiça e bem-estar social por parte do cangaço. Mesmo que, diferente da Renamo, o cangaço seja considerado como força heroica por parte da população e cumpra papel de justiceiro, vingador ou daquele que rouba aos ricos, não tem proposta de governo e se alimenta dos próprios conflitos violentos para manter sua existência. O cangaço, assim como a Renamo, desapareceria caso os conflitos violentos não existissem. Nas palavras de José Lins do Rego:

> A história do cangaço, no nordeste brasileiro, está intimamente ligada à história social do patriarcalismo, à vida de uma região dominada pelo mandonismo do senhor de terras e de homens, como se fossem barões dos feudos [...] Nem o Estado seria capaz de enfrentar o chefe que no sertão era mais que o Estado (Rego, 1957, p. 31).

Relançando-nos novamente à tensão entre rupturas e continuidades, o que é ainda possível perceber na força do cangaço é que havia nele algo próximo de uma 'revolta' tanto no sentido de uma reação contra um sistema de injustiças, no sentido de rebeldia, quanto no sentido de volta, de retorno a certas práticas e valores arcaicos. Assim,

> Enquanto se percebia uma reestruturação do Estado nacional, novas relações políticas e sociais sendo constituídas nos níveis local e estadual, novas tecnologias e o surgimento de outros atores políticos no país, há uma tentativa, até certo ponto, de [o cangaço] se manter à margem da realidade que se desenhava [...] Serão indivíduos com dificuldades de se enquadrar no meio social convencional. Irão, por isso, constituir uma comunidade à margem da lei e das convenções. Farão o possível para, em boa parte do tempo, se manter afastados dos grandes centros, seguindo uma vida nômade, trajando uma indumentária própria e criando códigos 'militares' de hierarquia e organização internos (Pericás, 2010, p. 171, grifo do autor).

Contudo, como não há síntese simples nos elementos escolhidos por José Lins do Rego para desenvolver as tensões do contexto histórico e da narrativa, o cangaço, paradoxalmente, também mostra interesse em se inserir no mundo moderno, captando forças que não são somente arcaizantes, embora dialoguem com elas:

> O cangaço, assim, também foi moderno. A teoria mais comum é que aqueles *brigands* lutavam contra as mudanças e contra a 'modernidade', rejeitando seus valores e suas manifestações, tentando se afastar desse 'novo' mundo que se configurava [...] Nada mais longe da realidade. Afinal de contas, os tempos históricos se cruzam, se sobrepõem, nesse sentido, arcaísmo e modernidade andavam juntos [...] Os bandoleiros, ainda que aparentemente homens toscos, sabiam da existência de inovações

> tecnológicas e tinham boa noção do ambiente cosmopolita das grandes cidades. Eles logicamente também iriam querer sua parte (Pericás, 2010, p. 172, grifo do autor).

Enfim, a escolha de Mestre Amaro pelo cangaço também articulava tanto a ruptura quanto a manutenção de valores e códigos arcaizantes e pouco afeitos à real transformação da sociedade na busca de uma justiça que fosse perene.

A tensão entre passado e presente também se mostra a partir da perspectiva da escravização do negro que sustentava um modo de vida e produção da oligarquia. A partir da abolição, há a reestruturação da economia do país. Essa abolição veio responder a novas necessidades de um mercado que estava se industrializando. Enfim, nos engenhos, sentiu-se essa questão:

> Chegou a abolição e os negros de Santa Fé se foram para os outros engenhos. Ficara somente com Seu Lula o boleeiro Macário, que tinha paixão pelo ofício. E o Santa Fé ficou com os partidos no mato, com o negro Deodato sem gosto para o eito, para a moagem que se aproximava. Só a muito custo apareceram trabalhadores para os serviços do campo (Rego, 1990, p. 150-151).

Essa questão histórica, na estrutura da produção das grandes fazendas e engenhos, também foi um forte fator de mudanças abordado por José Lins do Rego. Contudo, *Fogo Morto* mostra o quanto ficou arraigado o desmerecimento e o preconceito contra essa população negra, como vemos na fala de Vitorino, referindo-se a Passarinho: "Como é que se tem um negro deste dentro de casa, meu compadre? É o mesmo que morar com um porco" (Rego, 1990, p. 197).

Há, em *Fogo Morto*, uma liberdade que é assistida. Nesse contexto, o homem livre, seja ele branco ou negro, é aquele que age segundo a vontade e a tradição dos engenhos. Assim, o homem negro tem sua identidade marcada pelo preconceito provindo de políticas de posse e de mando que o mantêm em posição social subalterna e pouco valorizada. Desse modo, mesmo na condição de homem livre, o negro acaba sendo vítima de agressões que resistiram ao fim da sociedade escravocrata. Há aqui uma tensão entre rupturas e continuidades; passado e presente que convivem em um mesmo momento histórico.

Isso também encontra-se no tempo da escrita de *Fogo Morto* (1990). Assim, se, em *Ventos do Apocalipse,* recupera-se o passado de guerras do Império de Gaza para tentar entender e construir pontes com o momento diegético da guerra civil; em *Fogo Morto*, o momento político e social retratado diegeticamente reflete-se também no presente do autor, fortemente marcado por essas tensões entre ruptura e continuidade. Escrito durante a República Nova, sua publicação está inscrita em um momento político e social no qual diversas classes sociais buscam equalizar e agudizar tais tensões. Nesse momento, o grupo oligárquico ligado à produção de açúcar no nordeste busca redefinir sua posição social e política em um período de crise, marcado pelo declínio de uma sociedade de base agrária.

É interessante notar que foi justamente da crise da República Velha e do enfraquecimento dos governos oligárquicos que surgiu o nome político de Getúlio Vargas. A tensão entre ruptura e continuidade estabelece-se então por meio do apoio de uma ala renovadora, que queria acabar com o esquema político da República Velha, e gente oportunista que queria apenas conservar o poder em suas mãos na transição entre o liberalismo oligárquico e o estadismo autoritário. Assim, é possível entender esse contexto histórico a partir de dois ângulos:

> Por um lado, a quebra com a visão unívoca tradicional-oligárquica; por outro, a inauguração de uma nova fase, em que o Brasil se inseria tardiamente, qual seja a do capitalismo industrial. Em grande medida, o governo Getúlio Vargas realmente significou certa ruptura com o ideal das oligarquias e promoveu um período de grande desenvolvimento nacional. Todavia, o caráter populista daquele governo nublou os olhos da sociedade para uma 'política de cabresto' a qual sempre visava ao controle total das esferas pública, social, econômica e até cultural (Rossi, 2012, p. 1, grifo do autor).

Enfim, há uma reflexão dessa tensão entre passado e presente na narrativa e no tempo histórico vivenciado por José Lins do Rego no momento da escrita de *Fogo Morto*.

As oposições sobre as quais estruturamos a nossa análise comparativa entre *Fogo Morto* e *Ventos do Apocalipse* mantém-se também em relação ao movimento e à estaticidade. Assim, em *Ventos do Apocalipse*, vemos o personagem Minosse partir de sua aldeia e, nessa retirada, empreender um processo de mudança de percepção e de aprendizado da importância da conciliação entre velho e novo. Por outro lado, em *Fogo Morto,* acompanhamos mestre Amaro em sua estaticidade, observando todos os acontecimentos de um ponto fixo. Diferente de Minosse, que se põe em movimento, Mestre Amaro vê o decurso do tempo, da história e da própria vida da porta de sua casa. Permanece preso à estrutura de um pensamento arcaizante. É presa dos fatos.

Sendo o contexto da narrativa correspondente aos anos da República Velha, ou seja, uma etapa de transição de uma formação social escravista para uma formação social capitalista, o Estado teria de ser,

necessariamente, um 'Estado transitório'. Ocorre que Mestre Amaro, dentro dessa estrutura de transformações e movimento, permanece imóvel, tentando a todo custo se agarrar às estruturas que o colocaram e mantiveram em seu estatuto social, mesmo que esse não fosse ideal.

O livro começa caracterizando-o como 'seleiro dos velhos tempos' e apresenta a contraposição entre a casa de taipa, esfumaçada, e o campo aberto dos canaviais. Esse espaço restrito da casa será o principal cenário do personagem. Da porta da casa, mestre Amaro vê a decadência do senhor de engenho, que passa pela estrada, abana o chapéu e apresenta um cabriolé cada vez mais deteriorado. Vê ainda a deterioração da saúde da filha e os sinais e confirmação da loucura. É também onde Zé Amaro realiza seu trabalho e demonstra suas opiniões sobre o voto, o cangaço e os donos do poder em conversa com os passantes.

Os momentos em que Zé Amaro sai da cercania de sua casa em caminhadas noturnas são aqueles em que alimenta a crença, que o atordoa, de que estaria virando lobisomem. Vai também à casa de Seu Lula para ouvir que está sendo expulso das terras do Santa Fé. Fora esses dois momentos, é retirado de casa para outro espaço de confinamento: a prisão. Lá, é humilhado e torturado até retornar ao espaço restrito da casa.

À sua volta, as forças centrípetas das mudanças sociais e da decadência dos engenhos impulsionam José Amaro ao movimento retirante. Contudo, ao resistir a esse impulso, não suporta a pressão e suicida-se.

É interessante notar que, nessa resistência em manter-se em seu modo de vida e fiel aos seus valores, o discurso de Mestre Amaro sobre si mesmo é tensionado pelos fatos. Ou seja, o personagem deslinda um discurso sobre si que é contradito e contraposto aos acontecimentos. Mestre Amaro se diz livre de obrigações para com os donos da terra, mas vê-se oprimido e não sabe como reagir quando expulso das terras em que sempre habitou. Ele se diz homem livre, de voto livre, mas vê-se enredado pelas tramas do poder e sucumbe a elas. Vê-se também envolvido pela ignorância e crenças do povo que enxerga em sua doença e em sua inquietação, que o faz caminhar solitário à noite, sinais de que estaria virando lobisomem.

Mestre Amaro é a imagem da contradição dialética, sendo ao mesmo tempo oprimido pelos senhores de engenho, pelas crenças da população e pela doença que o afeta e opressor da esposa e da filha. É, ao mesmo tempo, homem livre, de voto livre, e marionete no jogo político que o encarcera. É objeto dos erros de diagnóstico e da ignorância do povo quando enxergam nele forças demoníacas e é também sujeito que erra ao tentar compreender de quem é a culpa pela sua atual situação de miséria e desgraças.

Na tentativa de explicar e de compreender os fios que o prendem à sua atual situação de oprimido, Mestre Amaro não encontra resolução plausível, confundindo os fatores motivadores para o estado de coisas em que se encontra. Assim, sem nenhuma justificativa possível, ora culpa o pintor Laurentino e o negro Floripes por ser tomado pela população como um lobisomem: "Laurentino e Floripes pagariam. Eram eles os criadores daquela miséria" (Rego, 1990, p.112). Ora se culpa por essa triste sina: "Era por isto que o povo corria, fugia de sua presença. Por que era aquele pai sem oração, aquele marido desnaturado?" (Rego, 1990, p.115). Outras tantas vezes culpa a mulher por todas as suas agruras, pela loucura da filha, pela crença de que seria o lobisomem, pela solidão, pela expulsão da terra.

Mestre Amaro mostra-se, assim, muito diferente de Minosse, em *Ventos do Apocalipse*, cuja força de esclarecimento e explicação muito consciente dos fatos vividos e das forças políticas e culturais que regiam sua vida mostra-se nos discursos tecidos. Em *Fogo Morto*, acompanhamos a desorientação da razão de suas personagens representada aqui na tentativa vã de Mestre Amaro justificar as forças que tensionam e impulsionam seus conflitos. Assim, o peso da doença da filha, a admiração pelo cangaceiro Antônio Silvino, a pressão do coronel Lula, a doença do fígado, a relação com Vitorino, a fama de lobisomem, a pressão política no contexto do voto de cabresto e as intrigas que lhe tiram a paz são tecidas num fluxo sem uma lógica muito bem estabelecida em interessante construção do discurso indireto livre. Selecionamos alguns trechos da parte final do primeiro capítulo que são disso bastante representativos:

> Quando o cego se foi, começou o mestre a pensar no recado do capitão. Era para ele uma honra que nunca tivera, aquela de saber-se da confiança do homem que realmente admirava. [...] Os gritos da filha não o arredavam de seu pensamento. O capitão queria que ele ajudasse os espias para o cerco que pretendia botar no tenente. O que pudesse, com sua ajuda, ele teria. O diabo era aquele Laurentino. Teria que ter todo o cuidado com o pintor. Estava, assim, com a cabeça entregue em seus planos que nem ouvia a gritaria de Marta. Batia forte na sola (Rego, 1990, p. 105).

Ao mesmo tempo, há aqui a presença da loucura da filha, as obrigações com o cangaço, a preocupação com o pintor Laurentino, o trabalho. Seguem-se

ainda as preocupações com Vitorino e com o chamado de Lula para conversa na casa grande:

> O compadre Vitorino saíra zangado. Pobre homem, que não sabia avaliar as coisas. Deus o livrasse de ver o velho metido nos seus segredos. A manhã se fora. Depois do almoço, lembrou-se do Santa Fé (Rego, 1990, p. 105).

No caminho de Santa Fé, atormentava-o ainda a história do lobisomem:

> Estremeceu o pensamento. Era como se lhe gritassem ao ouvido: Assassino! Lobisomem. Estavam com medo dele. Os cardeiros da beira da estrada tinham enormes frutos encarnados que os pássaros furavam com ganância. Lobisomem. Pura invenção de Laurentino (Rego, 1990, p. 106).

Diferente do narrador de *Ventos do Apocalipse,* que desenvolve uma síntese clarificadora sobre os conflitos vivenciados no contexto da história e da narrativa, em *Fogo Morto,* há um amálgama de tentativas sempre propositadamente falhas de os personagens construírem uma síntese lógica dos próprios conflitos. Tomamos Mestre Amaro como exemplo, mas é possível desenvolver a questão para outros personagens.

Por fim, as tensões que se estabelecem em *Fogo Morto* configuram-se também por meio da construção de uma estrutura dialética. É um livro dividido em três capítulos, com cada parte centrada em um personagem: Mestre Amaro, o pobre, a tese; Coronel Lula de Holanda, o rico senhor de engenho decadente, a antítese; e Capitão Vitorino, a síntese problemática entre os dois. Este representa o eterno opositor; idealista e ao mesmo tempo conservador; aceita todas as lutas em defesa dos mais fracos, mas oprime a própria esposa e sente-se superior aos negros libertos; primo de homens ricos é um homem remediado, plebeu e ao mesmo tempo aristocrata pelo parentesco com um coronel; comprou o título de Capitão, mas não se sente por isso rebaixado, pelo contrário, admite a todos e exige que seja tratado com respeito: "Dobre a língua [...] Capitão Vitorino. Paguei a patente foi para isso" (Rego, 1990, p. 25).

Sendo um personagem problemático, não há, no fechamento de *Fogo Morto*, uma síntese apaziguadora, pois é conduzida por esse personagem considerado um 'Dom Quixote rural brasileiro', por ter

> [...] o mesmo desprezo pelas condições materiais, a mesma coragem maluca e, sobretudo, a mesma capacidade de ver as coisas segundo a deformação do ideal, e não segundo o que realmente são (Candido, 1992, p. 65).

Assim, as tensões sociais do contexto sócio-histórico estruturam uma narrativa de oposições, de contradições e tensões que se replicam nas vidas dos personagens e na própria estrutura da obra.

Considerações finais

No que concerne aos romances de Paulina Chiziane e José Lins do Rego, embora dialoguem com realidades distintas e contextos históricos bastante diferentes, ambos desenvolvem uma perspectiva crítica e uma tensão resistente. Os dois também apresentam um narrador em terceira pessoa que organiza um discurso em que sobressai a tensão eu/mundo; contexto histórico e estrutura da narrativa; movimento e estagnação; passado e presente; novo e velho. Como vimos, é possível dizer que, por meio dessa estrutura de oposições, se estabelece a tensão crítica dos textos. De todo modo, *Ventos do Apocalipse* e *Fogo Morto* empenham-se em discutir valores e antivalores das sociedades em que estão inseridos, mas exercem essa força de resistência de maneira diversa.

> Embora possa partilhar os mesmos valores de outros homens, também engajados na resistência a antivalores, o narrador trabalha a sua matéria de modo peculiar; o que lhe é garantido pelo exercício da fantasia, da memória, das potências expressivas e estilizadoras (Bosi, 2002, p. 123).

A resistência como tema aparece no texto de Chiziane à medida que se estabelece o comprometimento com o semelhante, com o que liberta o homem de seus individualismos e com o esforço empenhado em analisar os movimentos da consciência crítica e libertadora. Alfredo Bosi, ao falar da resistência como tema, comenta como a influenciou a experiência da Segunda Guerra Mundial:

> Era como se o espírito inquieto das vanguardas voltasse a soprar na cabeça dos escritores, mas agora, depois da experiência da 2ª Guerra, exigisse uma escolha sóbria, lúcida, sem ilusões literárias, sem individualismos extremados e comprometida tão-só com o que libera o homem junto com o semelhante. Existencialismo e marxismo irão encontrar-se de imediato pós-guerra para propor uma arte empenhada e ao mesmo tempo implacavelmente analítica dos mínimos movimentos da consciência (Bosi, 2002, p. 128).

No caso de Chiziane, parece-nos que a experiência da guerra de libertação de Moçambique e da guerra civil entre Frelimo e Renamo também são fulcros dessa escolha resistente, que marcam indelevelmente as vozes que percorrem o livro e expressam engajamento.

Em relação a José Lins do Rego, o discurso do narrador não apenas conta a história do ciclo da cana e sua derrocada, mas constrói os dramas dos personagens de maneira peculiar, fazendo com que tenham vida própria dentro da ficção, mesmo que fora do contexto de um engajamento discursivamente construído.

O contexto histórico, em *Fogo Morto* como em *Ventos do Apocalipse*, reflete-se na estrutura do romance em suas tensões e oposições. Contudo, diferentemente deste, naquele é possível perceber que essa tensão crítica não se resolve nem é apreendida pelo discurso das personagens e de sua consciência emancipadora. Em José Lins do Rego,

> O romance 'imitaria' a vida, sim, mas qual vida? Aquela cujo sentido dramático escapa a homens e mulheres entorpecidos ou automatizados por seu hábitos cotidianos. A vida como objeto de busca e construção, e não a vida como encadeamento de tempos vazios e inertes. [...] A escrita de resistência, a narrativa atravessada pela tensão crítica, mostra, sem retórica nem alarde ideológico, que essa 'vida como ela é' é, quase sempre, o ramerrão de um mecanismo alienante, precisamente o contrário da vida plena e digna de ser vivida (Bosi, 2002, p. 130, grifo do autor).

Essa nos parece a imagem de José Amaro, cuja vida é plasmada pela tentativa de se fazer respeitar dentro de um espectro cultural em que o respeito configura-se como um valor que transcende o plano individual e espelha as atitudes morais de uma sociedade impregnada de preconceito, discriminação racial, servidão feminina, machismo e superstição. Em síntese, as tentativas de José Amaro se fazer respeitar implicam um estreitamento de vínculo com o passado, que atua simultaneamente como esquema de valor que alimenta os desejos do personagem e como elemento amalgamador de sua destruição.

Referências

Bosi, A. (2002). *Literatura e resistência.* São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Cabaço, J. L. O. (2007). *Moçambique: identidade, colonialismo e libertação*. (Tese de Doutorado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Candido, A. (1992). *Brigada ligeira.* São Paulo, SP: Editora da Unesp.

Chiziane, P. (1999). *Ventos do Apocalipse.* Lisboa, PT: Editorial Caminho.

Pericás, L. B. (2010). *Cangaceiros: ensaio de interpretação histórica*. São Paulo, SP: Boitempo Editorial.

Rego, J. L. (1957). *A presença do nordeste na literatura brasileira*. Rio de Janeiro, RJ: Ministério da Educação e Cultura.

Rego, J. L. (1990). *Fogo Morto*. Rio de Janeiro, RJ: José Olympio.

Rossi, V. J. (2012). As duas faces do Governo Vargas. *Revista Eletrônica do CEMOP*, *1*, p. 1-7. Recuperado de http://www.memóriaoperária.org.br/

Received on October 9, 2012.

Accepted on March 5, 2013.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.